

As narrativas anti-LGBTQ+ em espaços online ocupados por latinos

A rápida e contínua propagação de narrativas anti-LGBTQ+ nas redes sociais e nos aplicativos de mensagens é uma tendência preocupante. Por trás dessas narrativas, estão algumas comunidades religiosas, defensores da extrema-direita e indivíduos motivados pelo desejo de se envolver em guerras culturais. Em 2023, os anti-LGBTQ+ não só tinham financiamento nos Estados Unidos e na América Latina, mas também empregavam estratégias consistentes para evitar os esforços de moderação das plataformas. O uso de linguagem codificada destaca-se como uma dessas estratégias.

Três narrativas anti-LGBTQ+ comuns são:

1. Alegações de doutrinação ou "grooming" de crianças: Essa narrativa sugere que as crianças estão sendo "groomed", doutrinadas e sexualizadas pela comunidade LGBTQ+ para adotar identidades queer ou gays. Também há o medo em torno da pedofilia. Esse conteúdo frequentemente está relacionado à educação sexual nas escolas e disfarçado como proteção dos direitos dos pais. Circula principalmente em redes sociais e canais conectados à extrema-direita.

2. O conceito do "desenho original da família": Grupos religiosos e veículos de mídia religiosos promovem a ideia de um "desenho original" (ideia de família nuclear) para as famílias tomando por base valores cristãos. Isso pode servir como um meio de criticar aqueles que não se atêm às normas tradicionais. Publicações visuais frequentemente retratam indivíduos ou casais heterossexuais, às vezes com filhos, e frequentemente são acompanhadas por referências ou versículos da Bíblia.

3. Guerras culturais: O crescente apoio aos direitos LGBTQ+ nos Estados Unidos ([71%](#) da população, por exemplo, afirma que casamentos entre pessoas do mesmo sexo devem ser reconhecidos pela lei como válidos, com os mesmos direitos dos casamentos tradicionais) gerou uma contranarrativa que retrata uma luta cultural e alega ameaças às normas sociais. Essa narrativa levou a um aumento da violência contra membros da comunidade não conformista e a boicotes a marcas e produtos, muitas vezes com o endosso de figuras políticas.

Por que essas narrativas são importantes?

A proliferação de desinformação e pontos de vista extremistas apresenta desafios significativos para o discurso democrático, especialmente em redes sociais onde cerca de [34,5 milhões](#) de eleitores latinos consomem informações nos Estados Unidos. Uma tendência preocupante é a crescente prevalência de discursos de ódio e conteúdo anti-LGBTQ+ online, um movimento cíclico e sem fronteiras que tende a persistir até 2024 e potencialmente impactar o próximo ciclo eleitoral nos Estados Unidos.

Uma pesquisa conduzida pelo [Instituto Gallup](#) em fevereiro de 2023 indica que 7,1% dos adultos nos Estados Unidos se identificam como LGBTQ+. Esse percentual mais que dobrou desde 2012, com latinos apresentando uma taxa mais alta de identificação LGBTQ+ ([11%](#)) do que qualquer outro grupo étnico nos

Estados Unidos. Essa maior visibilidade também contribuiu para um aumento nas narrativas anti-LGBTQ+ em várias plataformas online, que são frequentemente cooptadas e amplificadas entre os Estados Unidos e a América Latina por influenciadores, comentaristas conservadores e líderes políticos.

Numerosos políticos nas Américas têm introduzido legislação com o objetivo de restringir os direitos da comunidade LGBTQ+. Nos Estados Unidos, mais de [77 projetos de lei anti-LGBTQ+](#) foram promulgados, enquanto outros 212 estão em tramitação. A América Latina, apesar de ser relativamente favorável à comunidade LGBTQ+ em comparação com outras regiões, está lidando com movimentos conservadores e religiosos que representam uma ameaça aos direitos LGBTQ+. Uma atenção especial deve ser dada a esse cenário no Brasil, Colômbia, Peru e Caribe.

Onde e como essas narrativas estão se espalhando?

A agenda anti-LGBTQ+ recebe financiamento substancial tanto nos Estados Unidos quanto na América Latina, permitindo sua persistência e expansão. Entre 2013 e 2017, os movimentos anti-LGBTQ+ globais arrecadaram [US\\$3.7 bilhões](#) em financiamento, uma quantia significativamente maior do que aquela direcionada às causas pró-LGBTQ+, segundo o Projeto Global de Filantropia. Como resultado, estar exposto a conteúdo anti-LGBTQ+ online e offline não é uma ocorrência rara.

Ao direcionar o público latino nos Estados Unidos, defensores da narrativa do "grooming" empregam hashtags como [#ConMisHijosNoTeMetas](#), [#LuchaContraMafiaPedófila](#) e [#DejenALosNiñosEnPaz](#). Algumas postagens abordam o tema da educação sexual nas escolas, defendendo os "direitos dos pais" como abordagem preferencial. Vale ressaltar que o DDIA observou casos em que são utilizados cartoons e humor para levar adiante a narrativa do "grooming".

Na promoção da narrativa do "desenho original da família", o movimento anti-LGBTQ+ se apoia fortemente em convicções religiosas, blogs cristãos, sites e publicações escritas por padres e pastores latinos.

Uma análise das conversas online em espaços latinos destaca narrativas que retratam o movimento pelos direitos humanos LGBTQ+ como uma forma de contágio social propagada por instituições educacionais, culturais e médicas. Agarrando-se a essa narrativa, vários políticos expressaram publicamente sua oposição a marcas ou empresas que apoiam indivíduos transgêneros e não conformistas. Para promover a ideia de uma "guerra cultural" em andamento impulsionada pela comunidade não conformista e incentivar boicotes, o movimento anti-LGBTQ+ frequentemente emprega slogans como "Hazte Progre Vuélvete Pobre" nas redes sociais.

Considerações para o Futuro

A proliferação de conteúdo anti-LGBTQ+ muitas vezes é sem fronteiras e cíclica, ocorrendo durante os períodos eleitorais. Essas narrativas são frequentemente utilizadas para fundamentar plataformas de campanha, exacerbando o ódio e a polarização.

Investigar e expor, quando apropriado, os atores por trás das narrativas de ódio é uma opção - É crucial que a mídia conduza investigações minuciosas para identificar os indivíduos ou grupos por trás da propagação de narrativas odiosas e falsas. Casos como o de [José Linares](#), membro do movimento "Con Mis Hijos No Te Metas", acusado de abusar da própria filha, são exemplos de casos que podem justificar a exposição.

Amplificar o trabalho dos fact-checker que atuam em espanhol - O trabalho dos checadores desempenha um papel vital na batalha contra informações falsas - embora o fact-checking não seja uma solução mágica - especialmente em casos em que as informações falsas reafirmam crenças fortemente mantidas ligadas à identidade de uma pessoa - [pesquisas](#) mostram que verificações de fatos [levam as pessoas a acreditar](#) que conteúdo falso é falso e [podem ajudar](#) a reduzir a incerteza.

Denunciar conteúdo de ódio às plataformas - É imperativo que, como sociedade, continuemos a abordar o problema de as políticas de uso das redes sociais não estarem sendo aplicadas e a geração de receitas publicitárias a partir de conteúdos que promovem ódio contra pessoas transgênero e não conformes. A sociedade civil deve continuar a defender uma aplicação mais rigorosa dos termos de serviço das plataformas, e todos nós temos um papel a desempenhar ao relatar conteúdo violento, odioso ou discriminatório dentro das plataformas.

Considerar estabelecer parcerias com grupos locais - Autoridades governamentais federais, estaduais e locais, assim como a sociedade civil, têm um papel a desempenhar no fortalecimento das conexões e no engajamento em diálogo com mensageiros confiáveis e líderes comunitários (incluindo, neste caso, líderes religiosos) como uma abordagem para promover compreensão e confiança nas comunidades latinas.